

“Foi como se fôsse eu o Suicidado”: Raul Leal escreve a Fernando Pessoa, na morte de Mário de Sá-Carneiro

Ricardo Vasconcelos*

Palavras-chave

Raul Leal em Espanha, Suicídio de Mário de Sá-Carneiro, Correspondência com Fernando Pessoa, Vertiginismo e Relatividade

Resumo

A Coleção Fernando Távora inclui vários documentos relacionados, mais de perto ou mais tangencialmente, com a morte de Mário de Sá-Carneiro, nomeadamente cartas enviadas a Fernando Pessoa a respeito do tema. Entre elas destaca-se o texto de uma carta de Raul Leal a Pessoa, escrita a 7 de Maio de 1916, em que o filósofo reage à notícia da morte de Sá-Carneiro, que lhe fora enviada por Pessoa, procurando descrever a forma como ele mesmo a teria somatizado, e teorizando a respeito dela. A teorização de Leal procura abarcar a sua própria espiritualidade, uma projeção astral das suas emoções, que ecoa a então recém-apresentada teoria da relatividade, e a crença no valor redentor da obra artística. Este artigo contextualiza a relação de Sá-Carneiro com Leal, revisita as cartas de Leal para Pessoa e Sá-Carneiro conhecidas, transcreve a carta em questão, e sistematiza aspetos principais da argumentação e do estilo lealinos.

Keywords

Raul Leal in Spain, Mário de Sá-Carneiro's suicide, Letters to Fernando Pessoa, Vertiginism and Relativity

Abstract

The Fernando Távora Collection includes different documents related to the death of Mário de Sá-Carneiro, namely letters to Fernando Pessoa. Among them, a letter from Raul Leal to Pessoa is of particular interest. In it, Leal reacts to the news of Sá-Carneiro's death, sent by Pessoa, by describing how he himself had somatized it, and by theorizing about it. Leal's argumentation brings together his own spirituality, an astral projection of his own emotions, in which he echoes the then recently presented theory of relativity, and a defense of the redeeming role of the artist and his work. I contextualize Sá-Carneiro's relation to Leal, revisit the letters sent by Leal to Pessoa or Sá-Carneiro known thus far, transcribe the newly found letter by Leal, and systematize the main characteristics of Leal's reasoning and style.

* Universidade Estadual de San Diego (Califórnia), Departamento de Espanhol e Português.

Entre os documentos que integram a Coleção Fernando Távora, há vários relacionados, mais de perto ou mais tangencialmente, com a morte de Mário de Sá-Carneiro, normalmente diálogos epistolares estabelecidos com Fernando Pessoa. É o caso de um conjunto de cartas enviadas a Fernando Pessoa por Carlos Ferreira e José de Araújo, com várias pistas sobre os manuscritos de poemas encontrados — e guardados — por Ferreira em Paris, no momento em que se recolhiam os haveres do malgrado poeta, cartas estas recentemente publicadas pela primeira vez (SÁ-CARNEIRO, 2017: 557-571). É o caso ainda de outra correspondência, como a de Tito Bettencourt, amigo de Sá-Carneiro, ou de César Porto. E é neste contexto que ganha especial destaque o texto de uma carta, absolutamente única, de Raul Leal a Fernando Pessoa, de 7 de Maio de 1916, carta esta em que o filósofo reage à notícia da morte de Sá-Carneiro, que lhe fora enviada por Pessoa.

Trata-se de uma carta particularmente rica por vários fatores. Desde logo, pela descrição da impressão fortíssima que a notícia causa em Leal, a ponto de o filósofo, alegadamente, ter somatizado o ocorrido. Mas é uma carta rica também porque a notícia da morte de Sá-Carneiro leva Leal a teorizar profusamente. Raul Leal procura resolver o desconcerto do suicídio — de qualquer suicídio, mas especificamente o de Sá-Carneiro — na sua própria espiritualidade, levando a que a sua individualidade emocional encontre simetria em noções como as de vertigem, infinito, ou eternidade. Por outro lado, Leal tenta também ver no suicídio uma forma de o artista e a sua obra poderem de algum modo abrir caminho à restante sociedade. A carta destaca-se ainda pela extravagância da sintaxe lealina, que se radicaliza devido ao impulso especulativo a que Leal se entrega totalmente. A prosa epistolar lealina é aqui um corpo a corpo intelectual que parece quase físico, dir-se-ia, extremando as características da sua escrita dos anos de *Orpheu* (1915) e da década subsequente, até *Sodoma Divinizada* (1923).

Este ensaio começa por contextualizar a relação de Mário de Sá-Carneiro com Raul Leal, revisita as cartas de Leal a Pessoa e a Sá-Carneiro conhecidas até os dias de hoje, transcreve a nova carta, aliás bastante singular, que aqui se apresenta, e sistematiza as suas características principais, bem como o estilo lealino em geral.

I. Raul Leal por Sá-Carneiro: entre “Orfeu de mais” e o “limite da fraqueza”

A coabitação de Mário de Sá-Carneiro com Raul Leal nas páginas de *Orpheu* e no espaço do modernismo português apresenta algumas nuances que vale a pena ressaltar. Deixarei de lado uma contextualização das principais polémicas relacionadas com a obra lealina, que são já por demais conhecidas, nomeadamente a sua distribuição, em 1915, em espaços públicos de Lisboa, de “O Bando Sinistro”, em pleno contexto de maior acrimónia pública em relação à revista *Orpheu* e às palavras de Pessoa-Álvaro de Campos acerca do acidente que ferira seriamente o líder político Afonso Costa. Ou ainda a polémica causada pela publicação de

Sodoma Divinizada, ensaio que faz a apologia pública de um homoerotismo espiritualizado — quanto a nós talvez ainda menos que uma defesa da escrita de António Botto —, bem assim como a forma como Pessoa vem em defesa de Leal, após a polémica causada por essa publicação. Acerca destes temas, veja-se, nomeadamente, a edição de *Sodoma Divinizada*, de Aníbal Fernandes, com especial atenção à introdução e à cronologia do editor (LEAL, 2010), o artigo de Rui LOPO (2013), o capítulo de Márcia Seabra NEVES (2015); bem assim como os ensaios de António ALMEIDA (2015, 2017a e 2017b). Estes são temas que enquadram genericamente a obra de Raul Leal, mas importa-me sobretudo destacar aqui vários aspetos da relação entre este escritor e Mário Sá-Carneiro, de modo a melhor compreender a carta a Fernando Pessoa que aqui se divulga.

A visão de Sá-Carneiro em relação a Leal parece ser marcada desde cedo pela impressão de extravagância que o segundo suscita ao primeiro, mesmo no que diz respeito à participação de Leal na revista *Orpheu*. Vemo-lo, desde logo, quando Mário de Sá-Carneiro regressa a Paris em 1915, já depois da publicação de *Orpheu* e de toda a comoção pública suscitada pela revista, e meses mais tarde, quando Sá-Carneiro declara a Pessoa que o terceiro número da revista seria inviável. No contexto das movimentações de Guilherme de Santa Rita (ou Santa Rita Pintor) com vista a tentar imprimir ele mesmo *Orpheu* 3, ou uma revista que a evocasse ou lhe aproveitasse o título, hipotético projeto a que Sá-Carneiro não aprecia ver o seu nome associado, o escritor português radicado em França relaciona Leal a figuras de *Orpheu* das quais se tinha distanciado. Numa carta de 17 de julho de 1915, pergunta de um jato: "O Leal circula ainda? O Santa-Rita Pintor tem aparecido por Lisboa?" (SÁ-CARNEIRO, 2015: 316), associando mentalmente os dois colaboradores de *Orpheu*. A 15 de Novembro desse ano, pergunta: "E Leal, Montalvor & Cia?" (SÁ-CARNEIRO, 2015: 419). Afirma ainda, a 20 de Novembro de 1915: "Muito interessantes noticias: em particular rompimento Leal — Santa-Rita Pintor" (SÁ-CARNEIRO, 2015: 423). A determinada altura, Sá-Carneiro parece demonstrar que a sua familiaridade em relação a Leal é bastante menor que a de Pessoa, mas ainda assim evidencia alguma consideração: "Agradeço-lhe pela piada — que disse ao Leal sobre a imortalidade do Pintor. Ri ás bandeiras despregadas. Que sorte sem nome o pintor deu por certo — se o Leal lho contou, o que duvido, pois o Leal parece-me leal..." (16 de Outubro de 1915; SÁ-CARNEIRO, 2015: 399). Terá sido, seguramente, Fernando Pessoa, bastante mais próximo de Leal, quem procurou apresentar com algum cuidado o carácter único deste último, e em particular os aspetos mais valiosos da sua vocação filosófica. Nesse contexto, Sá-Carneiro claramente distingue Leal de Santa-Rita, a quem não reconhece qualquer profundidade nas suas teorizações artísticas, que ouvira em primeira mão em Paris: "O Santa-Rita filosofo e a falar de tempos relativos e absolutos é de morrer de goso! Claro q[ue] o Leal anda na historia. Mas não deve ter escrito nem ditado o

texto. Deve ter falado. E o nosso pintor confusionado, temperado, condimentado. Admirável!" (carta de 5 de Novembro de 1915; SÁ-CARNEIRO, 2015: 414).

Sobre a relação de Raul Leal com a revista *Orpheu*, é de destacar o que à primeira vista parece ser uma contradição da parte de Sá-Carneiro. É conhecida a passagem em que diz a Pessoa, aparentemente reconhecendo hipotéticos méritos de Leal que o autor dos heterónimos tivesse apontado: "O que diz do Leal, curioso e certo, creio. É muita pena que o rapazinho seja um pouco *Orfeu* de mais" (carta de 5 de Novembro de 1915; SÁ-CARNEIRO, 2015: 413). Contudo, Sá-Carneiro havia dito pouco antes, quando ainda considerava as possíveis contribuições para um *Orpheu* 3, que o "limite da fraqueza deve ser a novela do Dr. Leal inserta no *Orfeu* 2. Daí para baixo nem... nem poemas interseccionistas do Afonso Costa" (carta de 31 de Agosto de 1915; SÁ-CARNEIRO, 2015: 369). Ora, a aparente contradição reside em Leal poder ser visto como o "limite da fraqueza" de *Orpheu* e ao mesmo tempo como "*Orfeu* de mais". Evidentemente que não há uma contradição em sentido estrito, mas apenas uma plurissignificação indicativa do todo que *Orpheu* que representou para os escritores da época, a começar pelo próprio Mário de Sá-Carneiro.

Na primeira frase citada, em que Leal é apresentado como "*Orfeu* de mais", Sá-Carneiro parece referir-se a *Orpheu* enquanto revista polémica e causadora de escândalo; na segunda frase citada, refere-se apenas à revista enquanto conjunto de textos literários. O aspecto mais interessante deste contraste está no facto de Sá-Carneiro distinguir estas duas dimensões, como se percebe, ainda que ele mesmo tenha procurado que a revista adotasse uma estratégia de escândalo, própria das vanguardas literárias e artísticas.

Eventualmente, entre o final do ano de 1915 e os princípios de 1916, Sá-Carneiro parece aproximar-se um pouco mais de Leal, começando mesmo a trocar correspondência com o filósofo, quando este vai para Espanha, como veremos adiante. A Pessoa, Mário de Sá-Carneiro pede a 27 de Novembro de 1915: "Quando Dr. Leal partir diga-me. Mas que vai êle fazer a Sevilha? Você sabe? E parece-lhe que êle arranhou dinheiro?" (2015: 428). O comportamento alegadamente mais extravagante de Leal parece continuar a causar algum desconcerto a Sá-Carneiro, quando diz a Pessoa, na véspera de Natal de 1915: "Desolador e hilariante o caso do Dr. Leal. Respondi-lhe ontem pintando-lhe em negras côres a vida dos artistas franceses e dizendo-lhe que achava da mais grave imprudencia a sua vinda aqui em mira de arranjar contrato para mimicas ou cinematografos" (440), e a 13 de Janeiro do ano seguinte, que "O Rodrigues Pereira detective é *pendant* do Dr. Leal mimico" (452). Não é exatamente claro que atividade profissional Leal pretendia desenvolver, mas talvez houvesse aqui alguma relação com um episódio contado por Aníbal Fernandes, como tendo decorrido com Leal já em Espanha entre 1916 e 1917. É um episódio em que Leal terá procurado reproduzir a sintaxe performativa mais extravagante do momento Futurista:

Para fugir a estas dificuldades [financeiras], pensa em alistar-se como voluntário no exército francês, mas desiste da ideia por lhe ocorrer (e vai contar-se aqui um episódio cuja fonte só é o próprio Raul Leal, desconhecendo-se a existência de qualquer outro testemunho que o confirme) que pode tirar partido da faustosa colecção de pijamas orientais com que costuma dormir, comprada a peso de ouro nos seus tempos de grande luxúria parisiense. Resolve apresentar-se como "bailarino futurista" e com nome Ahlali, Prince de la Mort, fiado no êxito visual dos seus pijamas, só eles capazes de dispensar que o bailarino dance. A sua primeira intervenção em palco é, porém, pateada; e durante a segunda responde ao tumulto do público com um manguito. É preso e — afirma ele — deixa escrito na parede da cela o *Poème de la Liberté*, assinado por Raoul Leal, *poète et penseur*. (LEAL, 2010: 27)

Como as citações de Sá-Carneiro indicam, o escritor troca correspondência com o filósofo entre finais de 1915 e princípios de 1916. De facto, na carta a Pessoa de 24 de dezembro de 1915, Sá-Carneiro diz ter demorado a escrever, por ter tido outras cartas a enviar, nomeadamente "ao Dr. Leal e ao meu Pai, ao meu Avô, sei lá mais a quem" (439), e diz ter tentado dissuadir Leal de ir para Paris "pra mímicas ou cinematografos" (440). Já na carta a Pessoa de 13 de janeiro de 1916, diz que em breve remeterá a "carta que pede Leal".

A troca de correspondência entre Leal e Sá-Carneiro está até relacionada com uma das passagens mais estranhas — senão mesmo a única realmente difícil de compreender — de todo o diálogo epistolar entre Sá-Carneiro e Pessoa. Numa carta a Pessoa de 29 de Dezembro de 1915, Sá-Carneiro narra ao seu interlocutor principal um episódio, no mínimo, invulgar, dizendo do seu quotidiano tratar-se de:

Uma vertigem de aborrecimento — um comboio expresso de anquilose. Aborrecimento na Alma, por todo o corpo: e o que é pior: nos intestinos. Borbulhas na testa e no pescoço. Tudo isto, juro-lhe, provocado pelo meu estado de alma impossível, e cada vez mais sem remedio. Uma vontade imensa de me embebedar, mas nos ossos. Depois — sem literatura — de súbito, focam-se-me nitidamente coisas estrambóticas, que devem ser recordações: ontem á noite, uma galinha de vidro azul a assar no espeto — sim de vidro azul: e peças de bordados redondos, ocultando qualquer coisa por baixo que mexia e devia ser detestavel. Os bordados eram brancos e côr de rosa — e mexiam os estuporinhos, mexiam! Onde irá isto parar — é que eu não sei. (SÁ-CARNEIRO, 2015: 448).

Ora, Sá-Carneiro terá mencionado o mesmo episódio de contornos bizarros a Raul Leal, já que este se lhe refere na sua resposta escrita em Sevilha, entre 27 e 30 de Janeiro de 1916. É uma carta escrita em papel timbrado do Café de La Perla, um dos cafés mais elegantes de então, entre as Calles Granada e Tetuan. Se os eventos narrados por Mário de Sá-Carneiro poderão ter sido estranhos, ainda assim este escritor chega a ficar surpreso, ou mesmo chocado, com o conteúdo da resposta lealina, acabando por reencaminhá-la para Pessoa, e por acrescentar:

Uma carta rápida para — sobretudo — lhe enviar uma coisa extraordinária do Raul Leal que ontem recebi. Leia essas paginas, que chegam a ser belas, mas que são terríveis — um pesadelo sem sono, qualquer coisa de alucinante e miserável, de pôr os cabelos em pé. Tive na verdade calafrios ao ler essas paginas — determinadas passagens sobretudo. Que tragedia a dessa alma — que coisa lamentável porque, dentro do seu horror belo — é também asquerosa: e no nojo, francamente é muito difícil encontrar o belo. Leia, archive — escusa de mandar — e diga-me o que pensa a esse respeito. Não a mostre a ninguém — claro [...] De resto esta carta foi só para lhe enviar a do Leal. (Carta de 8 de Fevereiro de 1916; SÁ-CARNEIRO, 2015: 467-468)

Pessoa conservou de facto a carta de Raul Leal para Sá-Carneiro, que está ainda hoje no seu arquivo (BNP/E3, 1152-81 a 86), e que várias vezes tem sido descrita erroneamente como tendo sido remetida por Leal a Pessoa (Fig. 1).¹

A carta foi primeiro divulgada por Mário Cesariny, em *O Virgem Negra*, numa secção intitulada "DUAS CARTAS DE RAUL LEAL (HENOCH) | AO HETERONOMO" (CESARINY, 1989: 91). Vale a pena salientar este episódio, já que, apesar de o erro ter sido corrigido posteriormente pelo próprio Mário Cesariny, ele continua a ser cometido, ainda nos dias de hoje, por investigadores que consultam o arquivo pessoano. Logo no início da carta, Leal alude muito claramente ao discurso de Sá-Carneiro, dizendo: "ao menos, em seu espirito ainda existem 'galinhas de cristal azul' enquanto que o meu enche-se d'outras, esqualidas, ressequidas a alimentarem-se de esterco!" Nesta sua carta, de facto extravagante, Leal enceta um ataque de cariz filosófico ao "Kaiser" e à sua facção na guerra de 1914/1918, por possuírem alegadamente um imperialismo não espiritualizado. Mas Leal refere-se ainda, em seguida, à sua própria "atracção estupenda pelos urinóis públicos" (CESARINY, 1989: 99), que diz visitar para "realizar as minhas perversões" (CESARINY, 1989: 100); e apresenta múltiplas conceptualizações da sua noção de beleza, bem como uma descrição da sua própria penúria financeira.

Não admira que Leal acabe por aludir à obra literária de Sá-Carneiro no parágrafo de despedida, nos seguintes termos: "Desculpe-me, meu querido amigo esta Enormidade Imperdoável e que ela apenas sirva para lhe inspirar um novo livro de novelas" (CESARINY, 1989: 104). Se dúvidas houvesse quanto ao destinatário da carta, lembre-se que era Sá-Carneiro quem tinha publicado já dois livros de novelas — *Princípio* e *Céu em Fogo* — e nunca Pessoa, como é evidente.

Quanto à sugestão de Leal, diga-se que ela não deixa de ser uma intuição interessante: de facto a sua vida e o seu pensamento, tal como o próprio os descreve, mais o aparentam a um quase inverosímil protagonista de uma novela, não fosse tratar-se de uma hipotética novela modernista.

¹ A respeito de atribuições erróneas de documentos do arquivo pessoano, e em particular de textos de Leal atribuídos a Pessoa, Jerónimo Pizarro resumiu os contornos de dois casos conhecidos. O primeiro deles é a tradução para inglês, por Pessoa, de uma carta de Leal a Marinetti, e o segundo o artigo "António Botto e o Sentido Íntimo do Ritmo" (cf. PIZARRO, 2012: 255-257).

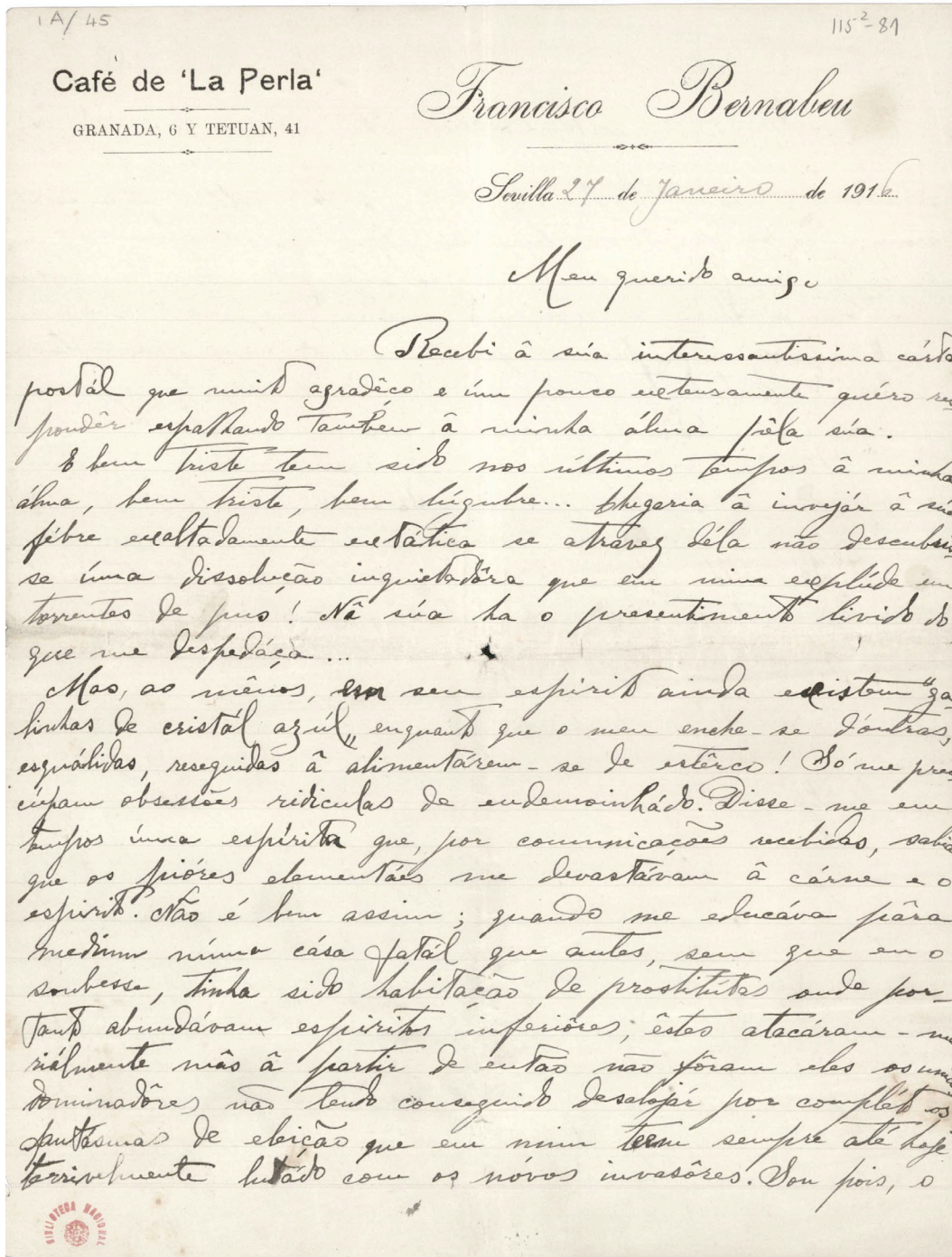


Fig. 1. Primeira página de carta de Raul Leal a Mário de Sá-Carneiro, escrita entre 27 e 30 de janeiro de 1916, reencaminhada subsequentemente para Fernando Pessoa (BNP/E3, E3-115²-81¹).

Quando encaminha a carta a Fernando Pessoa, Sá-Carneiro diz ter visto, nas páginas de Leal, o belo; mas de facto apenas terá intuído algo próximo do sublime. Por isso fala de páginas que "chegam a ser belas", mas ao mesmo tempo qualifica-as como "teríveis — um pesadelo sem sôno, qualquer coisa de alucinante e miserável", e diz ter tido "calafrios ao ler essas paginas". No entanto, Sá-Carneiro nunca aceitou uma realidade que chamou trágica, "asquerosa", e que, por via dessa repulsa, considerou impossibilitar qualquer beleza e — dir-se-ia, qualquer aspeto sublime. No fim de contas, o erro possível de Sá-Carneiro nesta sua consideração de cariz estético, é que não se tratava tanto de ser a sua repulsa a impossibilitar o belo, mas o seu próprio sentimento de insegurança, perante a realidade descrita por Leal, a impossibilitar o sentimento do sublime, que requer uma liminar forma de segurança, a qual a prosa de Leal não lhe conferia.

II. O *requiem* de Raul Leal, por Mário de Sá-Carneiro

Até hoje apenas foi divulgada uma carta de Raul Leal a Fernando Pessoa; aquela que Mário Cesariny apresentou em *O Virgem Negra*, juntamente com a anteriormente descrita cujo destinatário foi de facto Sá-Carneiro e não Pessoa. Ambas as cartas estão presentes juntamente no espólio pessoano, tendo esta as cotas BNP/E3, 115²-87 e 88. Raul Leal escreve a Pessoa a partir de Toledo, em Dezembro de 1916, do endereço 2, Plaza de San Ginés, no centro da cidade (Fig. 2).

No arquivo de Fernando Pessoa na Biblioteca Nacional de Portugal, contudo, há ainda uma "Tarjeta postal", que cremos inédita até hoje, carimbada pelos correios espanhóis a 10 de março de 1917, e chegada a Lisboa dois dias depois. Nela, Raul Leal limita-se a apresentar a Fernando Pessoa a sua nova morada em Madrid, no bairro de Lavapiés (Figs. 3 e 4):

Meu prezado amigo
Estou de nôvo em Madrid. Cheguei ha um mez. A minha direção é Calle de los
Tres Peces, 30, 2.º Derecha onde âs súas cártas serão sempre muito bem recebidas.
Seu amigo e admiradôr
Raúl Leal

Neste contexto, é particularmente importante o texto da carta inédita que Raul Leal escreve, também em Espanha, a Fernando Pessoa, aquando da morte de Mário de Sá-Carneiro, e que hoje integra a Coleção Fernando Távora. É já em Madrid que Leal redige essa carta, que adiante se apresenta; Leal redige-a no dia 7 de maio de 1916, em papel timbrado do elegante Café Lion d'Or, um importante centro de tertúlias da capital espanhola.

Dezembro de 1916
 1A/43
 115²-87

Meu querido amigo

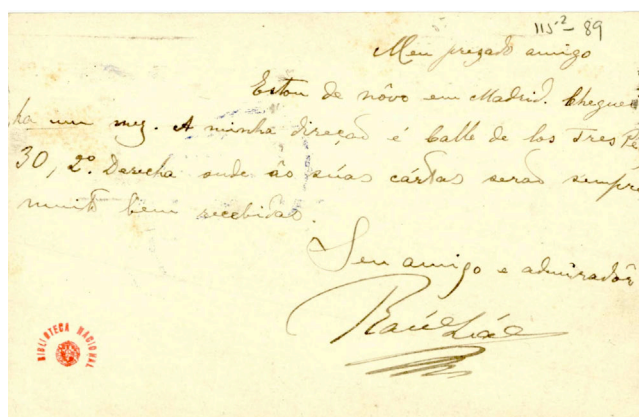
É minha grande inquietude, um desassosigo incômodo que me escrevo. Souo naturalmente já devia ter perido por meus horrores a minha vida tem passado muitíssimo. Há de meu perfil de me ir alistar como voluntário no exército francês; ~~mas~~ depois de grandes dificuldades que me atormentaram acabei por desistir. E foi isso um triunfo sombrio que alcancei sobre a minha alma! A guerra, nas circunstâncias em que me encontro, seria quase uma libertação contida através de muitas lutas íntimas convenci-me a pouco e pouco que o meu dever ~~era~~ ^{era} antes sacrificar-me absolutamente ao estado fossem quais fossem as provações por que eu teria de passar. ^{o futuro é} o futuro é cada vez mais sombrio mas divinhal-o, eu tinha que resistir. Meu procedimento seria um egoísmo acanhado, a tal liberdade que ~~atropela~~ ^{atropela} em parte os meus interesses materiais prejudicaria muito a minha vida de espírito. ~~Estão~~ ^{Estão} calcula como foi gigantesca a reação do meu espírito durante os meses de agonia e estupro contra a depressão em que eu que a miséria gélida me queria prostrar. Ele cada vez mais resplandecem por sobre as trevas apodrecidas da minha existência material! É a medida que ele elimina mais e mais a alma a minha vida se enterra cada vez mais ~~na~~ ^{na} co de uma podridão ignominiosa...

O dinheiro que recebo de Lisboa vem consideravelmente diminuindo e éso gasta minhas tendências claras de me abandonar por completo. As minhas cartas de revolta e aplicação para nada tem servido. São uns cães...

Em setembro para fugir ao desesperadamente angustiados em que me lançava um meio profundamente depressivo deixei Madrid mas evitei a depressão para cair numa abysmo de opressão em rizes mais tenebrosos. Não pôde imaginar a sublimidade de Subre de Toledo. É uma fortaleza infernal de morte. Parece que milhões de espíritos

BIBLIOTECA N. 1152

Fig. 2. Primeira página de carta de Raul Leal a Fernando Pessoa, de dezembro de 1916 (BNP/E3, E3-115²-87²).



Figs. 3 e 4. "Tarjeta Postal" de Raul Leal a Fernando Pessoa, de 10 de Março de 1917 (BNP/E3, 115²-89).

Desde logo assinala-se que esta carta a Fernando Pessoa ajuda a precisar com maior detalhe os movimentos de Raul Leal em Espanha, esclarecendo que, ainda em 1916, Raul Leal esteve até os "fins de março [...] em Sevilha", e que daí seguiu, pouco depois, para Madrid.

Diga-se desde logo, sobre este documento, que não se pode descartar por completo a hipótese de que se trate de uma carta efetivamente enviada a Pessoa e a que Fernando Távora possa ter tido acesso. Mas há, contudo, razões para crer que se trata de um rascunho de uma carta, cuja versão passada a limpo possa ter sido enviada ou não. No seu meta-arquivo, Fernando Távora indica que os lotes 20, 25 e 38 incluem manuscritos vários de Raul Leal, incluindo rascunhos de cartas. Por outro lado, o próprio documento aparenta ter características próprias de um rascunho — nomeadamente os múltiplos riscados, que encontramos em vários outros rascunhos de Leal — e que o escritor tipicamente não mantinha nas cartas efetivamente enviadas, como se percebe por exemplo nas duas cartas a Pessoa e Sá-Carneiro no arquivo de Pessoa. Parece menos plausível, mesmo, dado o seu conteúdo e a circunstância que a motiva, que Leal não tivesse enviado uma versão limpa da mesma, a Pessoa, embora não haja sobre isso qualquer certeza. Conhece-se, contudo, uma anotação de Fernando Távora acerca do documento. Como nos indica o colecionador, "Esta carta figurou na Exposição realizada quando do 1.º

congresso de Estudos Pessoaanos (Catálogo n.º 81)", informação confirmada pelo catálogo dessa mostra.

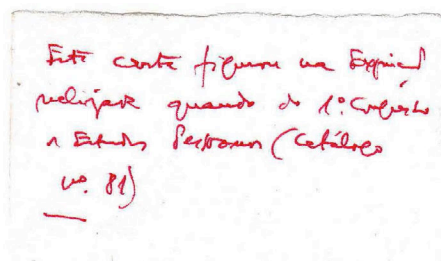


Fig. 5. Anotação de Fernando Távora, anexa à carta na Coleção (pormenor).

Aqui chegados, importa agora comentar o conteúdo da carta, que adiante se apresenta em fac-símile e se transcreve (Figs. 6 a 11). Confesse-se que a primeira leitura desta carta de Raul Leal — e provavelmente até algumas mais além da primeira — podem levar o leitor a um imediato silêncio, tal a diferença do discurso lealino. É uma diferença estilística que se nota particularmente nesta época mais conturbada da sua vida, diga-se, já que cartas de outras épocas parecem distinguir-se por uma maior transparência, uma maior limpidez (veja-se por exemplo a correspondência de Raul Leal com Jorge Sena; SENA e LEAL, 2010). O contraste com missivas escritas noutros períodos é marcado pela impressão de uma radicalidade do discurso; como que um salto no abismo, por parte de Leal, nos anos de *Orpheu* e do apogeu do modernismo português. Nesta altura, e como se vê particularmente aqui, o escritor procura extremadamente discernir sentidos profundos para a vida e a morte, e funde uma espiritualidade de onde está ausente a própria palavra *Deus* com a mais direta imanência dos sentidos. Ao mesmo tempo, procura sintetizar um facto tão pouco compreensível na sua totalidade para o ser humano — como o suicídio do seu semelhante — juntamente com a hipotética redenção (talvez Leal preferisse *transfiguração*?) pelo trabalho do artista, chegando a pensar este último como alguém que abre novos caminhos para os que o sobrevivem, a partir do gesto que é o seu suicídio.

Ora o espanto que causa o seu discurso emaranhado, possivelmente esotérico, prolífico conceptualmente — uma verdadeira máquina de convocar conceitos e categorias filosóficas, ainda que não necessariamente os desenvolvendo de forma consistente — não nos deve fazer desistir de analisar alguns dos elementos constantes da carta, que nos ajudam a compreender um pouco mais o modernismo português. Essa dificuldade também não nos deve dissuadir de procurar entender e/ou caracterizar a própria linguagem, tão distinta, desta figura que está entre as mais irreverentes do modernismo português; muito pelo contrário. Isto porque a linguagem em causa, ainda que provavelmente única e ao arrepiio das mentes da época, contribui ainda assim para compreendê-la, seja pelas ideias expressas, seja pela própria forma como elas são enunciadas. Observemos

assim algumas das características desta carta, conscientes, porém, de que terão forçosamente de ser várias as vozes a pronunciarem-se, para que se possa fazer uma qualquer síntese da originalidade do discurso de Raul Leal.

Esta carta evidencia que foi Pessoa quem deu a notícia da morte de Sá-Carneiro a Leal, motivando-o, assim, a responder, menos de duas semanas depois do suicídio em Paris. Vemo-lo nas passagens em que Raul Leal ilustra o seu choque com a notícia: "*Foi pavorosa e sublime a impressão que me deixou a sua carta... Recebi-a de noite e em circunstancias fantásticas! | Só por si tive conhecimento do suicidio do nosso querido amigo que foi Vivêr em Púro Espirito despedaçando Arte...*" O aviso, por Fernando Pessoa, desde logo evidencia a camaradagem entre os três escritores. Mas Pessoa terá mencionado ainda a necessidade de homenagear Sá-Carneiro. Numa carta datada de 20 de Maio de 1916, enviada de Paris a Fernando Pessoa, por Carlos Ferreira —um dos amigos de Sá-Carneiro que trataram do seu funeral— percebemos que Pessoa teria escrito a Ferreira acerca da melhor maneira de divulgar postumamente a obra inédita de Sá-Carneiro, talvez até considerando que a mesma exigiria tempo ou indicando que a mesma deveria ir sendo publicada na imprensa. Vemos que Ferreira expressa o seu desacordo quanto aos planos de Pessoa:

Infelizmente não posso estar d'accordo contigo no que diz respeito a edição dos ineditos. A minha ideia era outra muito diferente. Publicar tudo sim n'um volume (edição de luxo, edição á Sá-Carneiro, elle que tanto gostava dos livros elegantes). Ilustrar com o retrato do auctor, um bom retrato pois não faltam aqui, e alguns autographos fac-simile. Quanto á capa, esquisita mas não escandalosa. Trata-se d'uma homenagem. Mas meu caro Fernando Pessoa: nada de discordia entre nós, sobretudo eu que nada represento no grupo futurista e que nada quero com semelhante gente, pondo de parte a tua pessoa, clarissimo, a unica que respeito, admiro, perante quem me curvo e a unica que tinha peso na opinião do Mario. (SÁ-CARNEIRO, 2017: 565-566)

Não é possível precisar o plano que Pessoa teria idealizado, ou o que teria dito especificamente a Ferreira— embora pareça claro que teria expressado algo diferente da intenção de publicar imediatamente um livro de inéditos. Mas Pessoa terá mencionado a Leal, possivelmente, a hipótese de uma publicação em livro, o que talvez esteja na base da passagem de Leal em que este diz que é "*necessário* que esta Mórte não pásse desaperecebida, nós tôdos, Intelectuáes e Artistas, têmos o devêr de impôr a Personalidade do Mário de Sá-Carneiro a toda éssa gente", falando ainda de "*manifestações fúnebres, incluindo a elaboração d'um livro In Memoriam*". Em alternativa, talvez a ideia aqui expressa fosse simplesmente de Leal, não deixando de ecoar um desejo coletivo, dos escritores de *Orpheu*, de imporem a memória de Sá-Carneiro a um meio cultural que lhe fora hostil aquando da publicação da revista.

Quanto à notícia da morte de Sá-Carneiro, Raul Leal descreve o que parece ter sido um fortíssimo choque, reforçado ainda pelo facto de também ele

aparentemente ter considerado a hipótese do suicídio, nos momentos de maior penúria vividos até então. De certa forma, Leal diz ter somatizado o sofrimento do suicídio de Sá-Carneiro: "Todos os meus nêrvos se me contrairam tanto que senti verdadeiramente tôda â opressão contorcida dúma Asfixia Gerál. Sim, porque não foi só â garganta nem o peito que se me contraiu em torsão mâs túdo, túdo em mim se asfixiou... Tornei-me â própria Asfixia em Si". A somatização da última hora de Sá-Carneiro parece evidente, bem como a sua causa, que aliás é confessada por Leal: "â minha sensibilidade excessiva arrasta-me o Universo..." E é por isso que confessa: "Foi como se fôsse eu o Suicidádo, foi cômoo se fôsse eu quem vivêsse â Morte!"

Esta impressão intensa lança Raul Leal numa torrente discursiva, ávida de conceptualização. É um discurso que se desdobra, enrola, autotorturado, no sentido de encontrar uma racionalização da morte ou de encontrar uma explicação para ela. Estas tentativas são feitas em duas vertentes: num discurso em que Leal se reporta à sua própria espiritualidade projetada "astralmente" numa animização do Nada (para o parafrasearmos o escritor); ou na defesa da singularidade da atividade artística. Por isso Leal começa mesmo por sugerir a Pessoa que se suponha "fôra da Têrra, suspenso no éter, em volta só trévas e trevas de vácuo sem consistencia", continuando a frase num crescendo que termina interrogando-se: "o próprio Vácuo-Fantasma de Infinito em Iternidáde, Infinito *Abstráto* em *Abstráta* Iternidáde, não é â Opressão-Púra-Em-Liberdáde da Asfixia em Si?..." É nesta fusão entre espiritualidade e projeção astral da sensação íntima que aparece a noção de vertigem, recorrente na sua escrita.

Em relação à tentativa de encontrar uma explicação para a realidade através da defesa da redenção da vida humana e da sua morte pela arte, vemos Leal afirmar numa nota acrescentada e riscada na primeira página da carta, que "A transf[iguração] do S[á-]C[arneiro]" será "â transf[iguração] da Vida"; e, no conteúdo da carta, dizer ainda que:

Pavorôsa será â Transfiguração da Vida mas Sublime será também, procurêmo-la numa anciedáde espasmódica, sublimemente nos enchendo de Vertigem-Vácuo... A Transfiguração do Artista é o Grande Principio da transfiguração da Vida, Êle encheu-se dâ Glória de arrastár na Vida que é Êle, que é Nós â Livida Mortálha. Foi â Vida que começou â Morrêr... Principio Formidável!

Em suma, Leal encontraria na próprio suicídio de Sá-Carneiro uma coragem redentora que evitava reduzir a sua morte à simples voragem pelo real quotidiano. Assim, Leal veria no suicídio de Sá-Carneiro um mérito especial, e nunca uma mera desistência. É por este motivo que Leal vai ao ponto de propor a morte de Sá-Carneiro como exemplo de comportamento: "O Artista, convulsionando-se crescentemente em espetralismo púro, núma arrancáda espetral se precipitou, o terror feroz do Além que Ele presagiava para â Vida, como Actuação Animica

contrasticamente â si próprio se gerou e foi o Artista assim que núm esforço Divino nos apontou o Caminho dâ Nêgra Claridade..."

No artigo "A Visão Luxuriosa de Raul Leal, Profeta Sagrado da Morte e de Deus", publicado neste mesmo volume da *Pessoa Plural*, António Almeida sugere que Leal "é um filósofo na boca de um poeta" (ALMEIDA, 2017). É uma fórmula elegante que ajuda a compreender a escrita de Leal desta época — escrita esta que haveria de evoluir ao longo das muitas décadas que o filósofo sobrevive a Sá-Carneiro. E é uma fórmula que tem o particular mérito de reconhecer o vínculo continuamente existente em Leal entre esses dois tipos de linguagens. Ao mesmo tempo, poder-se-ia com facilidade reverter a fórmula, dizendo tratar-se de um poeta na boca de um filósofo, já que Leal é todo ele *insight*, é todo ele visão metafórica, que procura subsequentemente explanar-se num discurso de padrão aparentemente filosófico. Na prática, a possibilidade de reversão apenas se deve ao facto de Leal ser ambas as coisas ao mesmo tempo, como é evidente: um poeta que persegue as suas percepções intuitivas formuladas metaforicamente, as quais procura desenvolver num discurso de cariz filosófico, mas também um filósofo cujas referências filosóficas são convocadas de uma forma por vezes sobretudo simbólica, e cujas deduções se parecem alinhar mais de forma estética que lógica.

No discurso de Leal ecoam amplamente vários conceitos da tradição filosófica, que o autor assimila e manipula com facilidade. E circulam até mesmo ecos de conceitos que estavam no início da sua popularização, como é o caso da relatividade einsteiniana, i.e. a teoria da relatividade restrita, de 1905, e a teoria da relatividade geral, de 1915, apresentada pouco antes de esta carta ser escrita. Por isso Leal fala de uma "Púra Subjectividáde, Relatividáde Pura, Relatividáde em Si, Relatividáde-Fantasma". É talvez influenciado pela discussão da época acerca da gravitação, e pelo conceito de espaço-tempo, da teoria da relatividade geral, que Leal sempre parece ter como pano de fundo os termos "astral", "abismo" e a própria "vertigem", e que mais adiante nessa passagem se refere aos seus medos pessoais neste período particularmente difícil da sua vida como a "Espétros" (palavra escrita, pelo autor, sem *c*), dizendo sobre eles: "os próprios abstrátos Contrástes em Si, Contrastes-Fantásmas, uns nos outros fantasmicamente tornados em fantasmico-labirintizar astral, abysmos abstrátos de abstráto Vácuo *sacudidamente* em Vertigem, êsses Espétros, digo, êsses abismos imensos de Náda Animico já máis me abandônam â Alma em Crispações Astráes...!"

Perceba-se, acima de tudo, que a carta de Leal é ao mesmo tempo um *requiem* a Mário de Sá-Carneiro e visa, de algum modo, oferecer o conforto possível a Fernando Pessoa. O seu exercício de teorização é, por conseguinte, também um esforço nesse sentido. É aliás um esforço a que Leal se entrega intensamente, como se percebe, parecendo a carta ser escrita de um jorro, de forma torrencial, ao mesmo tempo que Leal se desdobra em especulação. Não admira, mesmo, que se tivesse tratado de um esforço provavelmente extenuante, como se percebe nas suas

últimas frases: "Sinto-me Esgotádo, não pósso mais". O desejo de fusão total entre indivíduo e universo, ao mesmo tempo que a amizade, leva-o por isso a despedir-se de Fernando Pessoa, aliás de forma particularmente lírica, com "úm abraço d'Alma tão apertado que em Úm-Só nos confúnda pâra sempre..."

III. Fac-símile da carta de Raul Leal a Fernando Pessoa, de 7 de maio de 1916 (Coleção Fernando Távora).

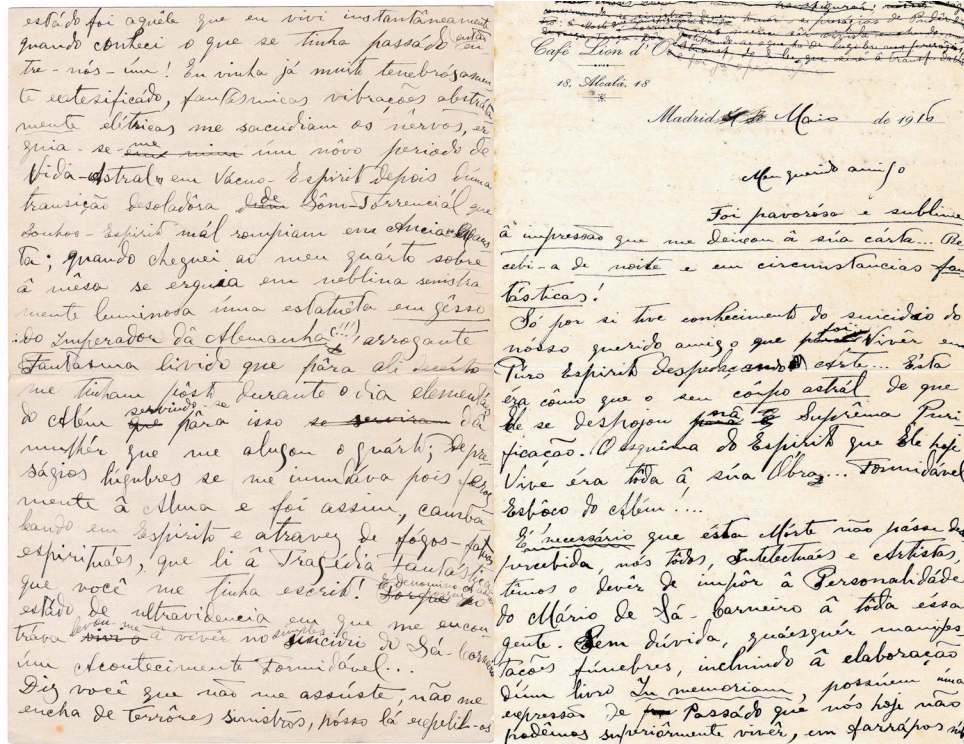


Fig. 6. Rosto do primeiro bifólio.

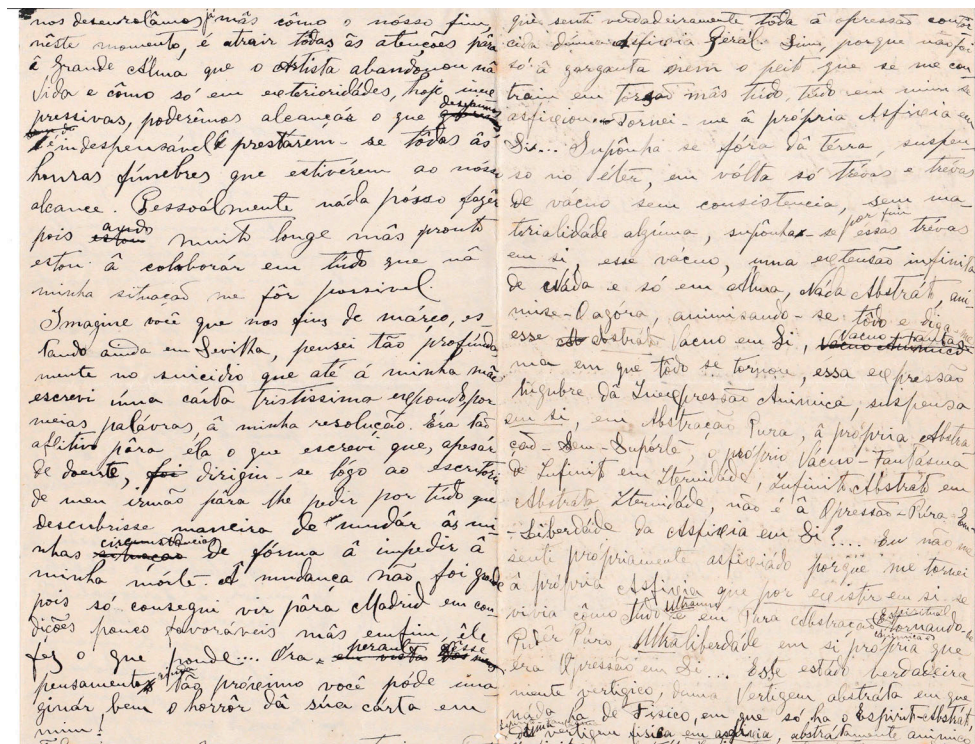


Fig. 7. Verso do primeiro bifólio.

um cataclismo astral, diluio abstracto
transfigurará o Espirit...
é a morte... é a morte!...
O artista, convulsionando-se crescent
mente em espectralismo puro, nima
arrastado espectral se precipitou
para o terror. Mas que ele presagia
para a vida, como o próprio cataclismo
traçava a si próprio se gerou e
foi assim que nime esforço
divino apontou o caminho da
clara claridade...
As nossas ténerez se dizem pois, tem
figura também, ngra ahaça pela morte
em nós se deve gerar! Bem ligada
tem sido os nossos presagios e
que nos promettem um horror de vácuo
vácuo astral, vácuo-vertigem ngra
que eles arrastam para nós fôr
de se são como Suprema Percepção de
sua. Paroza será a transfigura
ção de vida. Sublime será também
curioso. A nima avidez espectral
que, sublimemente nos encheu de
vácuo-vácuo... a transfiguração do
tudo é o grande Principio da transfigura

de nima grande presagios fôr
ram-me assim a existência!... de
Espíritos se me unido o cérebro, os
turbilhões astrais de vácuo em vertigem
Eles são lucidez astralmente vácuo,
o próprio vácuo químico, e ngra
son-fantasma... é turbilhão nima
em abstração, nima turbilhão nima
micamente quimérico - fantasmico,
so fantasmico... - como que abstrat
mente convulsivo desenvolvimento
de pura subjetividade, Relatividade pura,
Relatividade em si, Relatividade fôr
ma em fantasmico contrastos puros, esses
Espíritos, os próprios abstratos contrast
em si, contrastos fantasmico, nima
abstratos de abstrato vácuo salubridade
em vertigem, esses Espíritos, digo, esses
nos inençes de vida químico puros
me abandonam a abstração em brispaças
astrais...! Por isso, vácuo astral é
minha obsessão eterna, por isso ele
se enche tudo que escrevo, tudo que pen
so e sinto... Sim, nima abstrato contrast
vácuo nima abstrato contrast

Fig. 8. Rosto do segundo bifólio.

os meus, vibrando em nima, aqui
fôr (por isso) a nima abstrato contrast
em desenvolvimento nima que assim
é eu! é unicamente elétrica corrente
da vida é a nima própria corrente
astral, a nima sensibilidade excessiva
arrasta-me o Universo... assim, em
sentir em mim o suicídio do artista
o que se passa, em mim se passa
esta. E por isso nima nima revolução
cataclismo astral, nima em mim... foi
como se fosse eu o Suicidado, foi
como se fosse eu quem vivêsse a
te! já antes, os meus ténerez de vida
e de clísteria, deixando de ser humano
em mim se astralizaram, em mim
tudo se astralizo nmas o que era nima
fôr presentimento em nima nima
ficou-se em infinito e profundo de nima
em todo o seu estranho poder a nima
fôr formidável do vácuo espectral, hoje
sinto-me quasi a vertigem em seu puro
astralismo - fantasma... Os nima
sentimentos que me animavam o nima
a profética inquietude em nima

clerte higramente se iluminou em
infinito e nima desenvolvimento fôr
partido astralmente se me revelava
a alma, enchendo-a de vida, a vida
parozosa e sublime de apocalipse
transfigurada universal! nima
carta que me escreves, o clérice
de lá - banciro comprou-me por
sem nima estranha inquietude,
nima nima de descoberta
noce fôr-me em choques de idios
tragicamente presagioses, um nima
presentimento de grande revolução
em si que em si não pôde deixar
de ter nima expressão terrivelmente
abstrato contrast de nima nima
- e nima nima nima nima nima
nima se não se trata apenas
de nima nima nima nima
mente localizadas), através da vida em
que as nossas sensibilidades nos
dissolvem, sendo todo um, sendo
a vida em si, como nima nima nima
laca de Pantano abstracto onde giramos nima
e nima nima nima nima nima nima
de morte, em filamentos nima nima nima
nima nima nima nima nima nima nima
nima através de nima nima nima nima

Fig. 9. Verso do segundo bifólio.

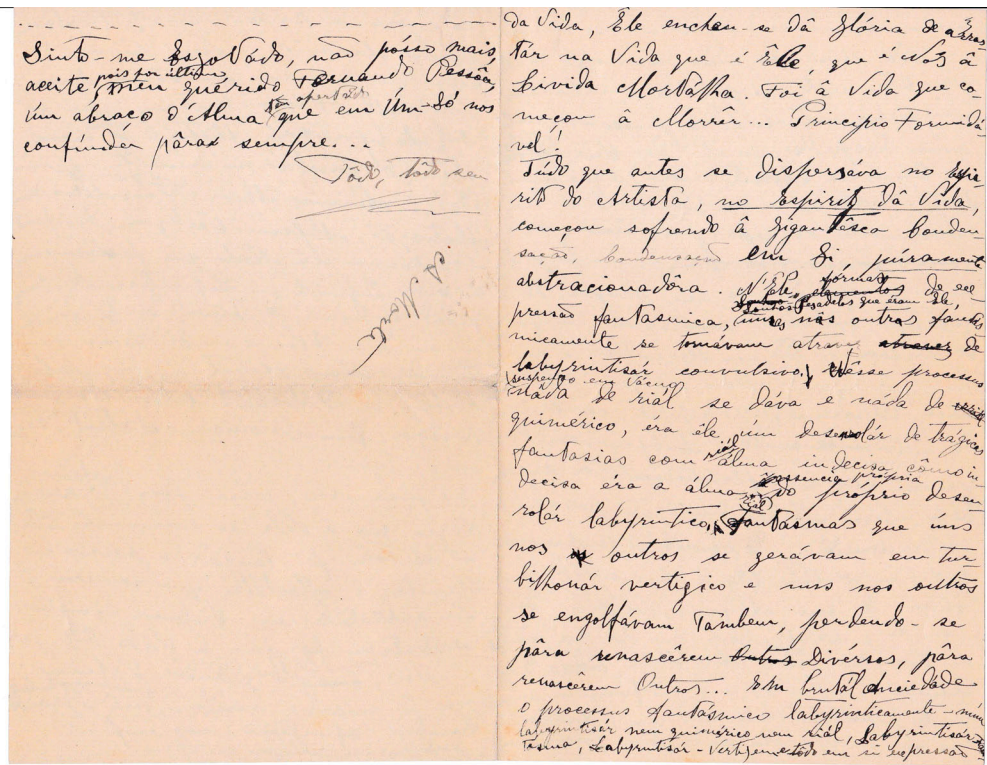


Fig. 10. Rosto do terceiro bifólio.

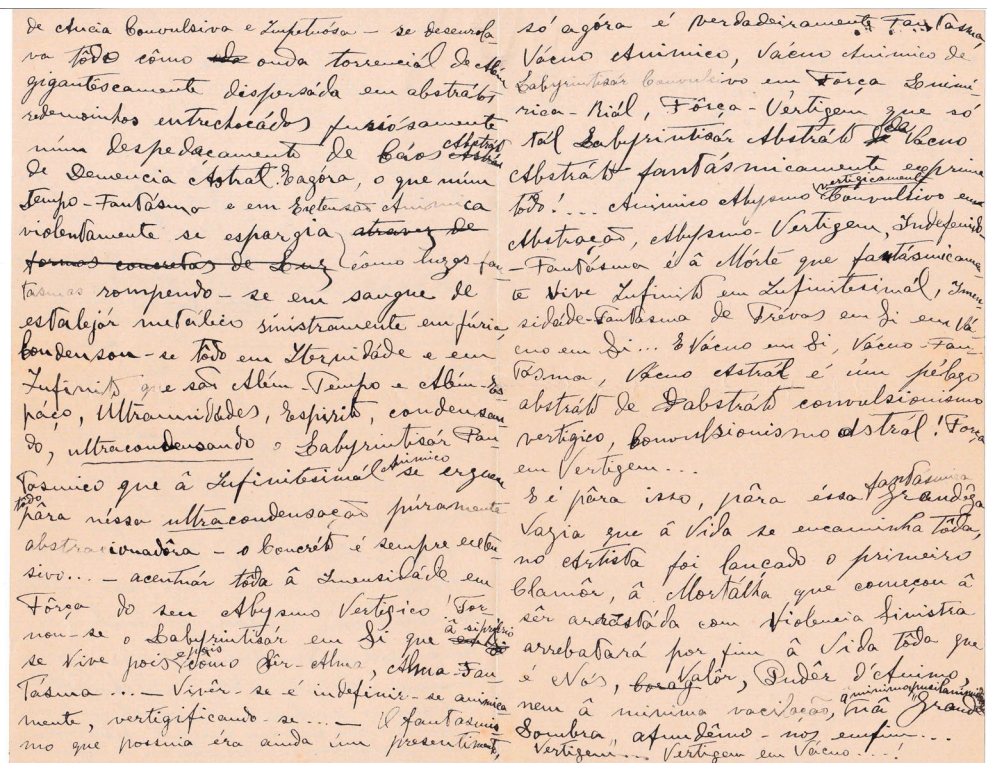


Fig. 11. Verso do terceiro bifólio.

IV. Anexo — Transcrição da carta

Café Lion d'Or

----- >>.<< -----

18, Alcalá, 18

----- o -----

Madrid, 7 de Maio de 1916

Meu querido amigo

Foi pavorosa e sublime a impressão que me deixou a sua carta... Recebi-a de noite e em circunstâncias fantásticas!

Só por si tive conhecimento do suicidio do nosso querido amigo que foi² Vivêr em Púro Espirito despedaçando Arte... Ésta éra como que o seu *côrpo astrál* de que Êle se despojou na Suprêma³ Purificação. O esquêma do Espirito que Êle hoje Vive éra tôda a sua Óbra...⁴ Formidável Esbôço do Além!...

É necessário que esta Mórte não pásse desapercibida, nós tôdos, Intelectuáes e Artistas, têmos o devêr de impôr a Personalidade do Mário de Sá-Carneiro a tôda éssa gente. Sem dúvida, quâesquér manifestações fúnebres, incluindo a elaboração dúm livro *In Memoriam*, possúem uma expressão de Passádo⁵ que nós hoje não podêmos superiôrmente vivêr, em farrápos *nélas nos desenrolâmos já mâs como o nosso fim, neste momento, é atrair tôdas as atenções para a Grande Alma que o Artista abandonou na Vida e como só em exterioridades, hoje inexpressivas, poderêmos alcançar o que desejamos⁶ é indispensável prestárem-se tôdas as honras fúnebres que estiverem ao nosso alcance. Pessoalmente náda pôsso fazêr pois ando⁷ muito longe mâs pronto estou a colaborar em tudo que na minha situação me fôr possível.

Imagine você que nos fins de março, estando ainda em Sevilha, pensei tão profundamente no suicidio que até a minha mãe escrevi uma carta tristíssima expondo, por meias palavras, a minha resolução. Era tão aflitivo para ela o que escrevi que, apesar de doente, dirigiu-se⁸ logo ao escritório de meu irmão para lhe pedir por tudo que descobrisse maneira de mudar as minhas circunstâncias⁹ de

² <para se> [↑ foi]

³ <para †> [↑ na] Suprêma

⁴ Óbra<>...

⁵ <pass> Passádo

⁶ <queremos † do> [↑ desejamos] é

⁷ <estou> [↑ ando]

⁸ <foi> dirigiu-se

⁹ <situação> [↑ circunstâncias]

fórma â impedir â minha mórte. Â mudança não foi grande pois só consegui vir pâra Madrid em condições pouco favoráveis mäs emfim, êle fez o que poude... Óra perante êsse pensamento ainda¹⁰ tão próximo você pôde imaginár bem o horrôr dâ súa carta em mim!

Todos os meus nêrvos se me contraíram tanto que senti verdadeiramente tôda â opressão contorcida dúma Asfixia Gerál. Sim, porque não foi só â garganta nem o peito que se me contraiu em torsão¹¹ mäs túdo, túdo em mim se asfixiou... Tornei-me â própria Asfixia em Si. Supônha-se fóra dâ Terra, suspenso no éter, em vólta só trévas e trévas de vácuo sem consistencia, sem materialidade algúma, supônha-se por fim¹² essas trévas *em si*, esse vácuo, uma extensão infinita de Náda e só em Âlma, Náda Abstráto, animise-O agóra, animisando-se tôdo e diga-me esse *Abstráto* Vácuo em Si, Vacuo Fantasma¹³ em que tôdo se tornou, éssa expressão lúgubre dâ Inexpressão Animica, suspensa *em si*, em Abstração Pura, â própria Abstração-Sem-Suporte, o próprio Vácuo-Fantasma de Infinito em Iternidáde, Infinito *Abstráto* em *Abstráta* Iternidáde, não é â Opressão-Púra-Em-Liberdáde da Asfixia em Si?... Eu não me senti propriamente asfixiádo porque me tornei â própria Asfixia que *por existir em si* se vivia cômô túdo Ultrauno e em Pura Abstração Anímica e Espiritual¹⁴ tornando-se Pudêr Púro, *Ultraliberdáde* em si própria que éra Opressão em Si... Este estádo verdadeiramente vertigico, duma Vertigem abstráta em que náda ha de Físico, em que só ha o Espirito-Abstráto, Espirito-Fantasma duma¹⁵ vertigem física *em asfixia*, *abstrátamente* animico Infinito em *abstráto* Infinitesimal, Vertigem em Si, êsse estádo foi aquêle em que eu vivi instantâneamente quando conheci o que se tinha passádo então entre-nós-úm!¹⁶ Eu vinha já muito tenebrósamente extesificádo, fantásmicas vibrações *abstrátamente* elétricas me sacudiam os nêrvos, erguia-se-me úm¹⁷ nôvo período de Vida-Astral em Vacuo-Espirito depois dúma transição desoladôra de¹⁸ Sôno-Torrencial que Sonhos-Espírito mál rompiam em Ancia Exausta; quando cheguei ao meu quáрто sobre â mêsa se erguia em neblina senistramente luminosa úma estatuêta *em gêsso* do *Imperador dâ Alemanha* (!!!),¹⁹ arrogante Fantasma livido que pâra ali decerto me tinham pôsto durante o dia elementáes do Além servindo-se pâra isso dâ mulher²⁰ que me alugou o quáрто; de presságios lúgubres se me inundáva pois ferozmente â

¹⁰ <em vista dos meus> [↑ perante êsse] pensamento [↑ ainda]

¹¹ tor<ç>/s\ ão

¹² supônha-se [↑ por fim]

¹³ <Vacuo Animico> [↑ Vacuo Fantasma]

¹⁴ Pura Abstração [↓ Anímica e] [↑ Espiritual]

¹⁵ [↑ Espirito-Fantasma] d<a> [↑ uma]

¹⁶ [↑ então] entre-nós-úm!

¹⁷ erguia-se<em mim>[↑-me] úm

¹⁸ <dum> [↑ de]

¹⁹ *Alemanha* [↑ (!!!)],

²⁰ <que> [↑ servindo-se] pâra isso <se serviam>

Alma e foi assim, cambaleando em Espirito e atravez de fôgos-fátuos espirituáes, que li â Tragédia Fantástica que você me tinha escrito! E denomino-A assim porque²¹ o estado de *ultravidência* em que me encontráva levou-me â viver no simples²² suicidio do Sá-Carneiro úm Acontecimento Formidável...

Diz você que não me assúste, não me encha de terrôres sinistros, pôsso lá expelil-os de mim quando preságios fataes percorrem-me assim â Existencia!... De Espétros se me inunda o Cérebro, os turbilhões astráes do Vacuo em Vertigem. Êles são Imensidáde astrálmente Vazia, o próprio Vácuo Animico, Inexpressão-Fantasma... E turbilhonáriamente em Abstração, núm turbilhonar assim animicamente quimérico²³ — fantasmico, só fantásmico... — como que abstratámente convulsivo desenrolamento púro de Púra Subjectividáde, Relatividáde Pura, Relatividáde em Si, Relatividáde-Fantasma em fantásmicos Contrástes Púros, êsses Espétros, os próprios abstrátos Contrástes em Si, Contrastes-Fantásmas, uns nos outros fantasmicamente tornados em fantasmico-labirintizar astral²⁴, abysmos abstrátos de abstráto Vácuo *sacudidamente* em Vertigem, êsses Espétros, digo, êsses abismos imensos de Náda Animico jámáis me abandônam â Alma em Crispações Astráes...! Por isso Vácuo Astral²⁵ é minha Obsessão itérna, por isso d'Ele se enche túdo que escrêvo, túdo que penso e sinto... Sim, úma abstráta corrente eléctrica vaziamente animica percórre-me itérnamente os nervos, vibratizádos em negros espásmos agonizantes. E isto me léva à Universalisação de mim...²⁶ Eu dissolvo-me rialmente em tudo que, assim, é eu! Â animicamente eléctrica corrente dá Vida é a minha própria corrente astrál, â minha sensibilidade excessiva arrásta-me o Univérso... Assim, eu senti em mim o suicidio do Artista, o que se passou, em mim se passou então. E por isso uma inorme revolução, Cataclismo Astrál, sofri em mim... Foi como se fôsse eu o Suicidádo, foi cômo se fôsse eu quem vivêsse â Morte! Já antes os meus terrôres de Fóme e de Miséria, deixando de sêr humanos, em mim se astralisáram, em mim *túdo* se astralisou mäs o que éra simples presentimento em nubelose intensificou-se em Infinito e brotando de mim em tôdo o seu estranho puder â atmosféra formidável do Vácuo Espetrál, hoje sinto-me quási â Vertigem em seu puro astralismo-fantásma... Os indecisos pressentimentos²⁷ que me animávam o Espirito, â profética inquietação com expressão de Mórte lúgubrememente se iluminou em Infinito e núm desenrolamento fantastico astrálmente se me revelou â Alma, enchendo-A²⁸ toda, â Visão pavorósa e sublime de apocalyptica Transfiguração

²¹ <Porque> [↑ E denomino-A assim] porque

²² [↑ levou-me] â viver no [↑ simples]

²³ turbilhonar [↑ assim] animicamente quimérico

²⁴ [↑ uns nos outros fantasmicamente tornados em fantasmico-labirintizar astral]

²⁵ Por isso<,> Vácuo Astral

²⁶ [↑ E isto me leva à Universalização de mim...]

²⁷ Os <sinistros>[↑ indecisos] pressentimentos

²⁸ enchendo-<a>/A\

Universál! Núma cárta que me escreveu, o Mário de Sá-Carneiro confessou-me também uma estranha inquietação, úm mêdo ocúlto de Desconhecido, abstratamente abysmico,²⁹ você fála-me em choques de ideias trágicamente presagiadôres, úm cômô presentimento de Grande Revolução em si que em si não pôde deixár de têr úma expressão terrivelmente abysmica, Expressão-Fantásma³⁰ (e³¹ esses próprios choques são já úm turbilhonar de Tróvas em Vácuo...), vê-se pois bem³² que não se tráta apênas de simples transformações individuálmente localizadas, atravez dá Vida em que âs nóssas sensibilidádes nos dissólvem, sendo tódos Úm, sendo â Vida em Si, córre úma cômô lúgubre exalação de Pantano Abstráto onde gérmens indecisos *proximamente* expludirão alagando â Vida de Morte, em filamentos mágicos preságios inquietadores deslisam núm sussúrro espêsso ancificando tudo, e assim atravez de Nós-Um, atravez da Vida úm Cataclismo Astrál, Dilúvio Abstráto transfigurarâ o Espirito...

É â Morte... é â Morte!...

O Artista, convulsionando-se crescentemente em espectralismo púro, núma arrancáda espectral se precipitou, o terror feroz do Além³³ que Ele presagiava para â Vida, como Actuação Animica³⁴ contrasticamente â si próprio se gerou e foi o Artista³⁵ assim que núm esfôrço Divino nos apontou o Caminho dá Nêgra Claridade...

Os nóssos terrôres se dévem pois, transfigurarâ tambem, Negra Atração pêla Morte em nós se déve gerar! Bem lúgubres teem sido os nóssos presagios e porque nos prométem úm horror de Vácuo, Vácuo Astrál, Vácuo-Vertigem mâs O que êles arrástam pâra nós vivido déve sêr cômô Suprêma Perfeição de Força. Pavorósa será â Transfiguração da Vida³⁶ mas Sublime será tambem, procurêmo-la numa anciedade espasmódica, sublimemente nos enchendo de Vertigem-Vácuo... A Transfiguração do Artista é o Grande Principio da transfiguração da Vida, Êle encheu-se dá Glória de arrastár na Vida que é Êle, que é Nós â Livida Mortálha. Foi â Vida que começou â Morrêr... Principio Formidável!

Túdo que antes se dispersava no Espirito do Artista, *no Espirito dá Vida*, começou sofrendo â gigantesca Condensação, Condensação em Si, púramente abstracionadôra. N'Êle, formas³⁷ de expressão fantasmica, Sonhos-Pesadelos que eram Êle,³⁸ úmas nas outras fantásmicamente se tornávam atravez³⁹ de labyrintisar

²⁹ [↑ abstratamente abysmico,]

³⁰ <ou uma>[↑,] Expressão-Fantasma

³¹ — e] substitui-se o travessão pelo parênteses, usado pelo autor no fim da passagem.

³² vê-se [↓ pois] bem

³³ terror [↑ feroz] do Além

³⁴ <em si proprio gerou> como [↑ Actuação Animica]

³⁵ foi <ele> [↑ o Artista]

³⁶ Transfiguração [↑ da Vida]

³⁷ <elementos> [↑ formas]

³⁸ [↑ Sonhos-Pesadelos que eram Êle,]

convulsivo. Nêsse⁴⁰ processus suspenso em Vácuo⁴¹ náda de riál se dáva e náda de quimérico⁴², éra êle úm desenrolár de trágicas fantasias com riál álma indecisa cômô indecisa éra a alma riál essência própria⁴³ do próprio desenrolár labyrintico. Fantásmas em que úns nos outros se gerávam em turbilhonár vertigico e uns nos outros se engolfávam tambem, perdendo-se pâra renascêrem Divérsos, pâra renascêrem Outros... Em *brutál* Anciedade o processus fantásmico labyrinticamente — num Labirintisar nem quimérico nem riál, Labyrintisar-Fantasma, Labirintizar-Vertigem e tôdo em si expressão de Ansia Convulsiva e Impetuósa — se desenrolava tôdo como onda torrenciál de Além gigantêscamente dispersáda em abstrátos redemoinhos entrechocádos furiósamente núm despedaçamento de Cáos Abstráto de Demencia Astrál.⁴⁴ E agóra, o que núm Tempo-Fantasma e em Extensão Animica violentamente se espargia cômô luzes fantasmas⁴⁵ rompendo-se em sangue de estalejar metálico sinistramente em fúria, Condensou-se tôdo em Iternidáde e em Infinito que são Além-Tempo e Além-Espáço, Ultraunidádes, Espirito, condensando, *ultracondensando* o Labyrintisár Fantasmico que â Infinitesimál Anímico se ergueu tôdo pâra nêssa *ultracondensação* púramente abstracionadôra — o Concréto é sempre extensivo... — acentuár tôda a Imensidáde em Fôrça do seu Abysmo Vertigico! Tornou-se o Labyrintisár em Si que â si próprio se vive pois e pois como Sêr-Alma⁴⁶, Alma-Fantasma... — Vivêr-se é indefinir-se animicamente, vertigificando-se... — O fantasmismo que possuía éra ainda úm pressentimento, só agora é verdadeiramente Fantasma, Vácuo Animico, Vácuo Animico de Labyrintisár Convulsivo em Força Quimérica-Riál, Fôrça-Vertigem que só tál Labyrintizar Abstráto fantásmicamente exprime todo!... Animico Abysmo vertigicamente Convulsivo⁴⁷ em Abstração, Abysmo-Vertigem, Indefenido-Fantasma é â Morte que fantásmicamente Vive Infinito em Infinitesimál, Imensidáde-Fantasma de Trévas em Si em Vácuo em Si... E Vácuo em Si, Vácuo-Fantasma, Vácuo Astrál é um pélogo abstráto de abstráto convulsionismo vertigico, Convulsionismo Astrál! Força em Vertigem...

E é pâra isso, pâra éssa fantásmica Grandêza⁴⁸ Vazia que â Vida se encaminha tôda, no Artista⁴⁹ foi lançado o primeiro Clamôr, â Mortálha que começou â ser arrástada com Violencia Sinistra arrebatará por fim â Vida tôda que

³⁹ atravez <atravez>

⁴⁰ convulsivo<n>/. N\esse

⁴¹ processus [↑ suspenso em Vácuo]

⁴² náda de <irriál>quimérico

⁴³ a alma [riál] [essência própria]

⁴⁴ Cáos <Astrál> [↑ Abstráto] de Demencia Astrál.

⁴⁵ espargia <atravez de formas concretas de Luz> cômô luzes fantasmas

⁴⁶ [↑ e pois] como Sêr-Alma

⁴⁷ Animico Abysmo [↑ vertigicamente] Convulsivo

⁴⁸ éssa [↑ fantásmica] Grandêza

⁴⁹ <a>/A\rtista

é Nós, Valôr,⁵⁰ Puder d'Animo, nem â minima vacilação, a minima pusilanimidade
nâ Grande Vertigem... Vertigem em Vácuo...!

.....

Sinto-me Esgotádo, não pôsso mais, aceite pois por último,⁵¹ meu querido
Fernando Pessoa, úm abraço d'Alma tão apertado⁵² que em Úm-Só nos confúnda
pâra sempre...

Tôdo, tôdo seu
Raul⁵³

A Morte⁵⁴

⁵⁰ <Corag> [↑ Valôr,]

⁵¹ aceite [↑ pois por último,]

⁵² úm abraço d'Alma [↑ tão apertado]

⁵³ Na assinatura apenas o "R" é desenhado claramente.

⁵⁴ Logo abaixo da assinatura, numa diagonal descendente, Leal escreve "A Morte", talvez numa alusão ao contexto da carta. Na primeira página da carta, logo acima do logótipo do "Café Lion d'Or", Leal escreve, e depois risca, a seguinte passagem: "nossos terrores devem-se também transfigurár; os nossos preságios conservando-se sinistros devem tornár-se preságios de Pudêr sinistro: â Morte [↑ que transfigurará a Vida] é horrível [↓ justificando-se o que ha de lugubre nos presagios] mas merece sêr vivida enchendo-nos de Força, Força-Dôr. A transf[iguração] do S[á-]C[arneiro], que será â transf[iguração] da Vida e foi já o principio □".

Bibliografia

- ALMEIDA, António (2015). "Brandindo o Cutelo da Maldição – Em Torno do Manifesto *O Bando Sinistro* de Raul Leal", in *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 8, Outono; pp. 564-601.
- ____ (2017a). "A Visão Luxuriosa de Raul Leal, Profeta Sagrado da Morte e de Deus", in *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 12, Outono 134-168.
- ____ (2017b). "O Bando Sinistro – O Ato Inaugural do 'Especulador de Política' de Orpheu", in *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 12, Outono; pp. 521-546.
- CESARINY, Mário (1989). *O Virgem Negra – Fernando Pessoa Explicado às Criancinhas Naturais & Estrangeiras por M. C. V. – Who Knows about It*. Lisboa: Assírio e Alvim.
- LEAL, Raul (2010). *Sodoma Divinizada*. Organização, introdução e cronologia de Aníbal Fernandes. Lisboa: Guimarães/Babel. 2.ª ed.
- LOPO, Rui (2013). "Raul Leal e Fernando Pessoa – Um Sublimado Furor Diabolicamente Divino", in *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 3, Primavera, pp. 1-27.
- NEVES, Márcia Seabra (2015). "Raul Leal (Henoch) – O Mais Louco dos Loucos do Orpheu e Profeta Maldito". 1915 – *O Ano do Orpheu*. Org. Steffen Dix. Lisboa: Tinta-da-china, pp. 369-387.
- PIZARRO, Jerónimo (2012). "Leituras, Enquadramentos e Atribuições". *Pessoa Existe?* Lisboa: Ática, pp. 235-259.
- SÁ-CARNEIRO, Mário (2015). *Em Ouro e Alma – Correspondência com Fernando Pessoa*. Edição crítica de Ricardo Vasconcelos e Jerónimo Pizarro. Lisboa: Tinta-da-china.
- SÁ-CARNEIRO, Mário de. (2017) *Poesia Completa*. Edição crítica de Ricardo Vasconcelos. Lisboa, Tinta-da-china, 2017.
- SENA, Jorge, LEAL, Raul (2010). *Correspondência 1957-1960*. Prefácio de José Augusto Seabra. Lisboa: Guerra & Paz.